

Santo Antonio — Quadro de Murillo na cathedral de Sevilha

O profundo sentimento poetico dos povos manifesta-se na lenda. O que a historia desenha com a severidade das suas linhas, a inspiração popular inflora e alegra com a sinceridade das suas tendencias. D'esta elaboração secular resultam os typos. É então que apparecem os grandes vultos cavalleirosos e os suaves heroes da piedade evangelica. Os campeadores da edade média, purificados n'este crisol sublime, transfiguram-

se em mantenedores da justiça e da innocencia. São-elles os que desfazem desaguisados, e os que se votam ao sacrificio para salvar a virgindade imbelle e castigar a concupiscencia tyrannica. Na religião dão-se, de um modo mais brilhante ainda, estes factos de reconstrucção portentosa.

O povo vae muitas vezes até o dogma, e altera-o segundo o sentimento que o domina. Nos hymnos da egreja encontram-se innumeraveis exemplos.

Quando este sentimento popular se concentra em um determinado individuo, as feições historicas de tal individuo alteram-se, mas illuminam-se. Actuou sobre ellas uma corrente electrica. De que procedem, em regra, estes pendores do povo? Como se explica o amor com que elle afaga e alinda a imagem de um dos seus santos? D'onde lhe veiu esta predilecção singular e profunda? Não serei eu que me atreva a sondar mysterios de tal ordem. Paro diante d'elles commovido, e inclino-me.

O nosso Garrett, em uma nota ao seu romance *Noite de San'João*, escreve o seguinte: «San'João fez-se um santo de exemplar tolerancia desde que lhe tiraram a cabeça por elle não poder ver, sem ralhar, as desenvoltas pernas da baiadera Herodias. Não quero folgar com o que é serio: mas é notavel que a devoção quasi universal dos christãos tomasse por patrono e orago de seus mais livres folgares e festanças, e lhe consagrasse a mais risonha e lasciva estação do anno, ao austero precursor do Christo, o jejuador penitente do deserto, o severo censor da soltura cortezã, o protomartyr da moralidade evangelica. Seria que a timida singeleza de nossos passados fosse de proposito buscar aquelle austero e invisivel inspector de seus ainda então innocentes brinquedos?»

O que o poeta escreve e pergunta a respeito do enviado de Deus, poderia ser dito em relação ao nosso santo popular.

Santo Antonio perdeu, aos olhos do povo, a rigidez intratavel e cenobitica, e veiu presidir com sorriso affavel aos dansares e folguedos da adolescencia. O seu cortejo é feito de mocidade e de amor. É elle que inclina o ouvido para as orações da donzella, orações onde já resoam os primeiros suspiros da alma, e onde já brilham as primeiras lagrimas; é elle que acceita a oblata das crianças, e que, jovial como ellas, parece instigar ás travessuras pueris.

Depois, o que é o santo na lenda, na creação do povo, no sentimento conterraneo? Quem o vê de cogula apostolando o gentio? Quem o observa nos extasis da sua cella, recolhido e melancolico? Quem o imagina, erguido no pulpito, verberando os dez mandamentos mundanos? Ninguem, de certo. Santo Antonio é o amigo dos rapazes travêssos e das moçoilas enamoradas. Elle mesmo cortava as tranças, o galhofeiro celestial, para depois as prender de novo áquellas cabeças de quinze annos, que lhe vinham perturbar candidamente a sua tranquillidade monastica. Era elle que partia os cantaros cheios de agua, para se rir das queixas da meninice, e para em seguida a consolar carinhoso. Assim o creou o povo, assim o concebeu, assim o quer, assim o adora. Levanta-lhe thronos nas ruas, nas casas, e nos corações primeiro; accende-lhe fogueiras e queima as alcachofras bentas, que hão de presagiar venturas, ou, ainda mal, desditas amorosas; saúda-o como a um amigo querido, como a um consocio de alegrias, e, sem terror, mas sem irreverencia, beija-lhe aquelles pés, que o povo não sabe ver retalhados pelas silvas, mas que lhe rescendem como fragrancias de nardo.

É este o nosso santo por excellencia; abrimos os olhos no berço, e vimol-o logo, enramado e vestido de seda, na sua peanhasinha, onde ardiam os lumes e onde se esfolhavam as rosas. Qual de nós se não recorda d'esse tempo com saudade, d'esses dias em que pediamos ao amor da mãe o culto para o nosso bom amigo? Mal do que se esqueceu da pureza dos poucos annos, para só cuidar nas mundanidades do seu presente, e que se não lembra dos cabellos loiros, para se ufanar com os seus brancos, quantas vezes manchados!

Quando estes contentamentos juvenis vão cedendo campo aos cuidados, ainda o santo se nos entremette na vida com a solicitude de quem nos conheceu pequenos, e de quem nos não ha de abandonar ainda velhos. N'esse tempo vem arraiando o amor. Como ha de o povo dispensar o patrocinio infallivel? Como não ha de beijar a fimbria d'essa roupeta e entregar o requerimento dos seus anhelos, a confissão dos seus segredos? Oiçamol-o n'uma das suas cantigas:

Oh, moças, andem ligeiras,
Vão pedir a Santo Antonio
Que as ponha todas em linha
No livro do matrimonio.

Oh, moças, se querem noivos,
Vão esta noite á ribeira,
Que os moços em honra ao santo
Vão armar uma fogueira.

Santo Antonio, Santo Antonio,
Ás moças estende a mão;
Corram, moças, vão depressa,
Façam-lhe uma petição.

Santo Antonio aviva os mortos
E dá saude aos doentes;
Não é muito que despache
Mil sadios pretendentes.

Esta cantiga popular (conforme a versão do Algarve) dá medida perfeita do que acima escrevemos. No periodo do amor o santo é invocado pelos que não afrouxaram na crença originaria, e investido nas tarefas de advogado obsequente. As mulheres, sobre tudo, que melhor guardam os sentimentos inoculados com o primeiro leite, essas conservam perpetua a crença dos annos infantis. São ellas que, solteiras, voltam o olhar para este consolador dos afflictos de coração; são ellas que, mães, se entregam jubilosas ao doce encargo de coadjuvar os filhos na sua devoção inconsciente; são ellas que, no extremo quartel da desesperança ou da vida, se agarram, como naufragos, a este patrono, que no intimo sentir do povo foi sempre o mimoso e valido celestial.

Estas crenças, porém, nascidas e alimentadas pela poesia legendar, começam insensivelmente a perder o seu mavioso colorido e o cheiro que as embalsamava. A expansiva alegria de outros tempos diminue e afraca; escurece a claridade das fogueiras, como as auroras vão esmorecendo nos corações. Ha tristeza no povo. *A shade immense*. Ha pouco, n'uma das publicações mais auctorisadas do paiz, protestava-se contra o innocente folguedo das criancinhas; e a gravidade prosaica, o materialismo sapiente travava do machado para derrubar aquella ultima reliquia da nossa poesia popular. Assim vão os tempos, e assim pensam os homens. Minem-se, escalavrem-se, esboroem-se esses reductos da crendice alvar ou do fanatismo cavilloso, onde se acoitam os inimigos da liberdade evangelica; repulsem-se até os confins da terra os que querem coalhar com as pedras broncas de ignorancia os campos esterroados pelos obreiros do futuro; não se dêem tréguas aos paladinos da sombra, que fazem do despotismo a dama dos seus pensamentos; mas sustentem-se de pé, mas acatem-se, mas conservem-se essas paginas radiantes de uma poesia que não conspira, de uma fé que não ameaça.

Deixei-me levar por uma commoção de desgosto, natural em quem só vê o bello da humanidade n'estes effluvios de poesia e de amor. Ha muito que arrasar e que reconstruir, de feito; não ha de ser, comtudo, o throno humilde, o culto infantil, a piedade d'aquelles devotos que ainda se achegam aos beijos maternos que póde empecer a rapida andadura do coche esplendido da civilisação.

Santo Antonio tornou-se para os portuguezes um bemaventurado supremo. Jesus, sentado em seu braço, ouve-lhe os rogos e acceita-lh'os. O povo pede-lhe como a um confidente. Não ha perigos do mar, thesouros perdidos, males insanaveis, estorvos desesperadores, tempestades de natureza alguma que não possam ser debellados pela vontade d'este beatifico padroeiro. A lenda fel-o jovial, communicativo, doce no trato, risonho com os homens; d'aqui nasceu essa franqueza intima com que o povo lhe estende a mão para receber d'elle a esmola da caridade.

Hoje mesmo, que os espiritos se voltam para outro rumo, o dia consagrado pela egreja ao nosso santo é, se assim o podêmos dizer, um dia de regozijo nacional. Os velhos ainda se comprazem com o espectaculo galhofeiro, os pobres esquecem por momentos os espinhos da sua vida para só cuidarem nas flores, e as crianças tripudiam na noite da vespera, movidas por essa causa secreta, que não é mais do que o sentimento da poesia, innato em todas as organisações.

Agora que já fallámos do nosso milagroso santo, como elle vive na tradição do povo, mais poetisado do que nos veridicos agiologios [1], consagremos algumas palavras ao pintor, cujo quadro se apresenta em gravura, e que se inspirou de um dos mais enternecedores assumptos.

Murillo resume no seu nome toda a grandeza da pintura hespanhola. É elle que realça no meio d'essa eschola, a que não faltam vultos eminentes.

Pintor del cielo, chamaram-lhe os seus, e a critica não lhe contestou o epitheto. Sevilha, patria sua, como de Velasquez, é o prodigioso repositorio das suas obras primas. Um apreciavel escriptor contemporaneo escreveu ao visitar a capital da Andaluzia: «*Murillo, comme s'il avait voulu laisser à sa patrie le secret de son génie, n'existe réelement, et ne se révèlle qu'ici* [2].»

Não vem agora para esta resumida noticia entrar na parte biographica nem mesmo artistica do mestre. A primeira é de sobejo notoria, e a segunda consta de não poucos livros auctorisados.

Apesar do quadro *Santo Thomaz de Villanueva* ser considerado o primor d'arte de Murillo, comtudo alguem ha que resolutamente lhe prefere o *Santo Antonio* que adorna a cathedral de Sevilha, e do qual esta gravura é cópia. N'elle reuniu o pintor, em apurado grau, todas as suas qualidades sublimes; condensou as bellezas que disseminára por immensas télas, e deixou-as alli, patentes e eternas.

Ha um sorriso n'aquella exaltação religiosa; ha um raio de sol na obscuridade d'aquella gruta. O santo, inclinado, rendido, alheado em extasi, deixa transparecer um jubilo extremo, um gozo ineffavel. O mestre parece ter-lhe posto nos labios aquelles apaixonados versos de Santa Theresa:

Esta divina union,
Y el amor con que yo vivo,
Haze a mi Dios cautivo
Y libre mi coraçon;
Y causa en mi tal pasion,
Ver a Dios mi prisoniero,
Que muero porque no muero!

O que fica escripto sobre o *Santo Antonio* de Murillo é apenas resultado da impressão que nos causou o transumpto, que não póde ser mais do que um reflexo. Um homem, cujo voto competente ninguem se atreverá a rejeitar, disse o que se segue: «Nunca a magia da pintura foi levada mais alto. Quem não viu o *Santo Antonio de Padua* não conhece a ultima palavra do pintor [1].»

Donzellas, crianças, corações por onde não deslisou a sombra de uma agonia ou de um remorso, almas candidas que pairaes sobre as ternas alegrias da familia, que não deixastes queimar no ardor das paixões a flor immaculada da pureza, saudae o vosso santo, aquelle amigo da infancia, aquelle affavel companheiro cujo nome decorámos entre as faxas, embalados pela mãe que lhe rezava por nós. Não deixeis perder essa poesia singela, esse unico refugio dos que não podem encontrar na terra as consolações verdadeiras.

Que tem que riam os philosophos? que vos importa a chocarrice dos nescios? que mal vos faz o olhar de soslaio que deitam comicamente os materialões da humanidade?

A imbecilidade moral trouxe sempre comsigo este prosaismo charro e truanesco. Cuidam elles que preparam terreno, e travancam-n'o; crêem-se os Baptistas da idéa nova, e são fatuamente os Herodes da piedade e da innocencia. Riem-se de tudo e de todos, porque nunca souberam enxugar uma lagrima.

O que ha de sair d'este esfervilhar de padres conscriptos que nos decepam as azas? O que querem esses reformadores que começam por seccar as fontes vivas de todo o sentimento generoso? Deixae-os rir e passar.

O dia de ámanhã tem de ser feito de luz; mas essa luz virá da liberdade, como a liberdade virá da religião, como a religião virá do amor! E. A. VIDAL.

[1] Vid. o vol. VI do *Archivo*, pag. 102.
[2] F. Mallefille — *Mem. de D. Juan*, tomo I.

[1] Th. Gautier — *Voyage en Espagne*.

A NUBIA

(Conclusão. Vid. pag. 57)

Imaginae, pois, um vastissimo valle entre duas extensas cordilheiras de montanhas: uma, arabica, tendo a vertente oriental banhada pelo mar Vermelho; a outra, lybica, tendo as faldas occidentaes enterradas nas ardentes areias da Lybia. Estendei no meio do valle, como ampla fita ondulante, o Nilo, ora placido, ora susurrante, semeado de ilhas, orladas de *papyrus* e *nenuphar*, onde pastam entre os juncaes numerosos patos e cegonhas. Situae junto aos campos cultivados algumas cabanas de bambús, cobertas de colmo. Alternae com prados viçosos areiaes sem fim. Collocae de muita em muita distancia uma povoação, maior ou menor, mas quasi sempre miseravel, composta de casas de adobos, com folhas de palmeira por cobertura. Sentae nas encostas das serras, aqui os altos muros de um grande convento, meio escondido entre brenhas, e como querendo trepar aos pinaculos da montanha para fugir do contacto dos homens; alli uma velha mesquita, á qual a pesada mão dos seculos fendeu já as paredes e inclinou as torrinhas ou *minareths*; por toda a parte, em fim, ruinas de edificios magnificos, meio soterrados, mas, ainda assim, dando testimunho da civilisação e grandeza dos povos que os levantaram. Delineae tudo isto na vossa imaginação, e tereis representado n'ella um quadro geral da Nubia, mui aproximado do natural.

Pois este paiz, que nos apresenta agora um aspecto selvagem e triste, territorios pela maior parte estereis e desertos, outros incultos ou mal cultivados, habitantes rudes e em geral barbaros; este paiz, dizemos, foi outr'ora o centro de um grande imperio, que brilhou pela sua civilisação muito antes que os gregos e os romanos lograssem o titulo de povos civilisados.

Depois de ser muitas vezes invadida e assolada pelos Pharaós, no correr de longos annos, a Nubia armou para a vingança o braço de seus filhos, que, arremessando-se, em fim, sobre o Egypto, expulsaram para além da cidade de Thebas as dynastias nacionaes. Assumindo então o imperio egypcio uma nova face, com que rejuvenesceu, a Nubia policiou-se, adornou-se de monumentos, e tornou-se theatro de grandezas e de gloria, porque logo floresceram n'ella as sciencias e as artes, cujo berço fôra o Egypto.

Volveram seculos, levantaram-se outros imperios na Asia e na Europa, e o colosso do Nilo, já debilitado por mil annos de existencia e enfraquecido por continuadas revoluções, derrocou-se ao rijo embate de invasores atrevidos e felizes; e sobre os seus monumentos, feitos ruinas, vieram sentar-se, por seu turno, os persas, os romanos, os arabes e os turcos. Assim, passando por tão grandes alternativas, que ora a elevaram ao fastigio da prosperidade e da riqueza, ora a despenharam no abysmo da miseria e da servidão, voltou a Nubia ao seu primitivo estado — terra pobre e mal povoada de gente embrutecida e selvagem.

Todavia, numerosissimas testimunhas, mudas, é verdade, mas muito expressivas na sua mudez, attestam aos viajantes, por toda aquella região, que alli floresceu um imperio grande, poderoso e civilisado, em tempos em que a Europa jazia nas trevas da ignorancia e do barbarismo.

É um espectaculo que deve impressionar vivamente o viajante que navega pelo Nilo, rio acima, ver além do tropico, a par de negras massas de rochas graniticas, contrastando com a natureza bruta, alterosos e esbeltos obeliscos, porticos magnificos, soberbas galerias de columnas, altas e robustas paredes cobertas de hieroglificos, estatuas e esphinges colossaes, reliquias de templos grandiosos, em que hoje se acoitam as hyenas e outras feras; em fim, encontrar em cada volta que o rio faz, e a cada relancear d'olhos, specimens estupendos de uma architectura, e padrões gigantescos de um povo que existiu tres mil annos antes de nós!

Na gravura que precede a primeira parte d'este artigo, a pag. 57, vêem-se os restos de uma das mais sumptuosas obras da antiga arte egypcia. São duas esphinges colossaes, as unicas que se conservam inteiras d'entre muitas outras que outr'ora guarneciam, dispostas em duas longas fileiras, uma rua que conduzia ao *hémis-peos* de Séboua. Este templo, meio cavado na rocha, meio construido de cantaria, teve por fundador Sesostris o Grande, mais de mil e setecentos annos antes da era christã. Nas faldas da montanha, que se divisa ao longe por detraz das esphinges, ainda avulta o *pronaos*, ou portico do templo que era consagrado aos deuses solares *Phré* e *Phtá*. Porém as areias, alli accumuladas pelas tempestades no correr de tantos seculos, afogou-lhe a fachada de cantaria até mais de meia altura, impedindo completamente a entrada no interior do templo.

As areias do deserto tem sepultado, pouco a pouco, no Egypto e na Nubia muitas preciosidades historicas e artisticas da mais veneranda antiguidade, assim como as lavas do Vesuvio sepultaram na Italia, posto que improvisamente, as cidades de Herculanum e Pompeia, tão ricas de recordações historicas como de obras de arte. Porém a essas terriveis invasoras quadra com mais justiça o titulo de *guardas*, embora importunas, que o epitheto de destruidoras d'essas respeitaveis memorias do passado.

As lavas do Vesuvio tem sido para aquellas cidades como um estojo, que não só as preservou da ruina completa a que foram reduzidas as suas irmãs pela barbaridade dos homens e pela acção corrosiva dos tempos, mas que lhes conservou, o que ainda é mais apreciavel, a par das suas feições, tudo quanto póde revelar materialmente os usos e costumes, as crenças e as aspirações do povo que as habitou.

Se não fosse a invasão das areias, talvez que bem poucos monumentos tivessem podido resistir, no Egypto e na Nubia, ao açoite assolador de centenares de seculos. Conserva-se incolume o soberbo templo de Séboua, porque um mar de areias, escondendo-o em grande parte em seu seio de ondas, quasi tão movediças como as do Oceano, tem-n'o defendido do mais cruel inimigo dos monumentos, que é, sem dúvida, a brutalidade dos homens. Pouparam as areias a magestosa rua que conduzia ao portico do templo; e por essa razão apenas restam duas das numerosas esphinges colossaes que por ambos os lados a guarneciam. As outras ou desappareceram, sem deixarem sequer vestigios, ou jazem por terra feitas pedaços. Se algum dia se tentarem fazer excavações archeologicas no Egypto e na Nubia, como modernamente tem sido feitas na Italia, é de presumir que se vejam surgir do sepulchro algumas das cidades que mais floresceram sob o sceptro dos Pharaós.

A nossa gravura é cópia de um bello quadro de Berchére. O artista escolheu a hora do crepusculo da tarde para tirar a vista do natural. As cercanias de Séboua são de si monotonas e tristes, porque lhes faltam os arvoredos, as fontes e os ribeiros, que são ao mesmo tempo o adorno e a alegria dos campos. Mas a claridade duvidosa do crepusculo; a luz frouxa e melancolica da lua; de longe em longe o clarão das fogueiras, em torno das quaes os pastores descançam das lides do dia, em quanto preparam a ceia; o remanso das brisas, deixando elevar-se o fumo das fogueiras, como delgadas columnas a que cinzel caprichoso recortou os fustes, e que bem se assimilham, na suavidade e constancia da sua ascensão, ás preces do justo, subindo, subindo direitas até ao throno do Altissimo; os rebanhos de ovelhas e carneiros, lassos da sua peregrinação diaria em busca das gramineas que verdejam por aquelles arredores, dormindo agora ao abrigo das gigantescas esphinges; estas sentinellas perdidas de um passado tão remoto, mostrando em sua magestosa serenidade, e no colossal das fórmas, como se fôra escripto com caracteres, os pensamentos e crenças do povo que alli as collocou; tudo isto, em fim, derramando na paizagem infinita poesia, dá ao quadro não sómente formosura, mas tambem um singular aspecto de solemnidade.

I. de Vilhena Barbosa.

O MUSEU DO BISPO DE BEJA

I

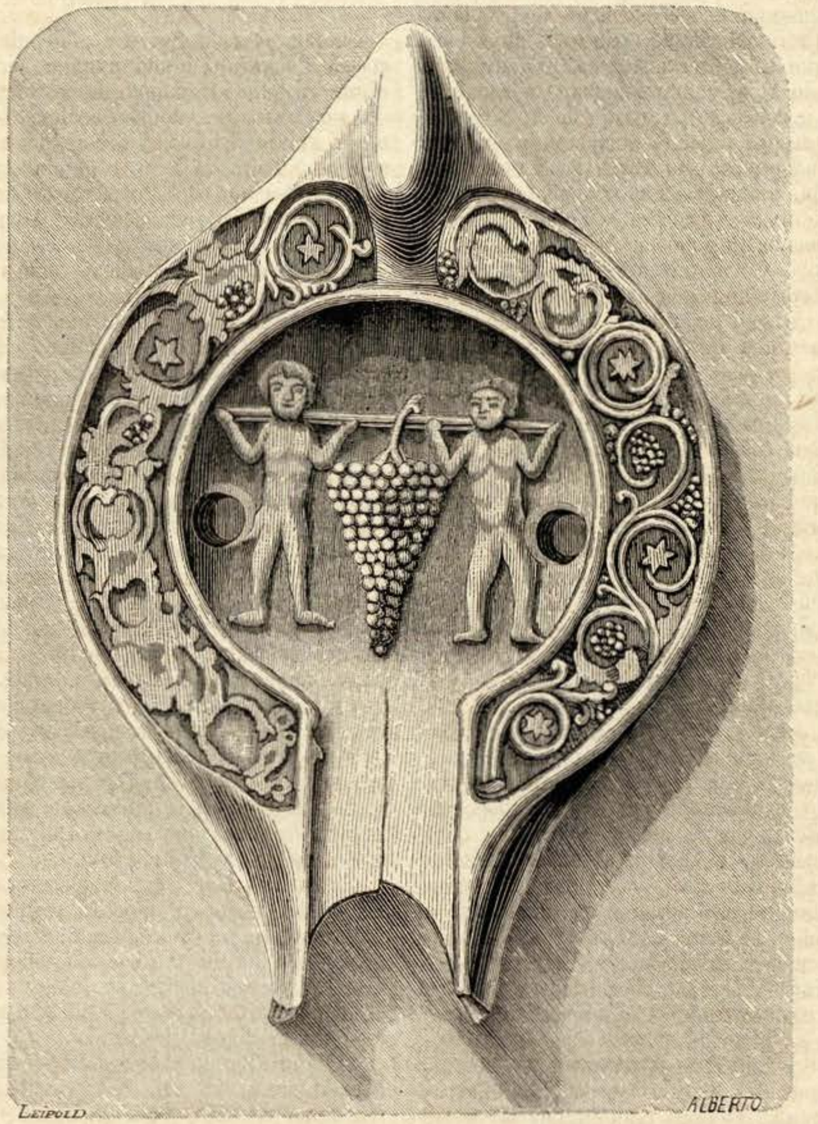
Ha homens que valem academias. Dotados de faculdades superiores e de universal aptidão, applicam-se com successo a todos os estudos, cultivam com diligencia e ardor os campos illimitados das sciencias, das letras e das artes, e em todos deixam claros testimunhos de sua fecunda actividade. D. Fr. Manuel do Cenaculo Villas-Boas, bispo de Beja e arcebispo de Evora, foi um d'estes homens extraordinarios. Os beneficios que a patria lhe deve, mal conhecidos ainda, hão de illustrar as paginas da historia litteraria de Portugal do seculo XVIII, quando a politica nos consentir escriptores e leitores para coisas d'este genero.

O estudo da theologia, da philosophia e da philologia, a que o sabio prelado de preferencia se dedicava, não o impediu de se applicar tambem ás sciencias naturaes e á archeologia. A boa e verdadeira opinião que tinha da importancia das primeiras exuberantemente a provou na pastoral de 25 de janeiro

de 1786, recommendando com grandes instancias os estudos physicos ao clero do seu bispado. O muito em que estimava a segunda bem se avalia na historia que n'um livro inédito nos deixou da cidade de Beja. E se taes provas não fossem de sobra, allegariamos as memorias do museu, em que, sendo bispo d'aquella diocese, colligiu grande variedade de producções naturaes e de preciosas reliquias da industria do passado.

As vastas relações que manteve com sabios e escriptores de Hespanha, França, Italia e outras nações da Europa, e com os portuguezes mais distinctos que serviam nas possessões ultramarinas, proporcionaram-lhe a acquisição de muitos objectos de fóra do reino. Constava, porém, a maior e melhor parte da collecção de antiguidades desentranhadas da terra nas excavações que, a expensas suas, mandava fazer não só em Beja, mas n'outras partes, onde presumia a existencia de ricos e abundantes veios do oiro que explorava.

Na historia da arte, cuja importancia principia agora



Fragmento de uma lampada romana encontrada na Troia, junto de Setubal

a ser conhecida, deparava-se-lhe já ao sabio prelado o interesse que ella não tinha ainda para os seus contemporaneos. Dominado por aquelle vivo e ardente desejo de saber que leva os espiritos emprehendedores a valiosas descobertas, não se poupava sacrificios para colher e encelleirar os perdidos fructos da industria humana das edades que foram. Desde as armas de pedra, curioso achado que muitos reputam uma novidade dos nossos dias, até ás obras dos artistas portuguezes, tudo colligia com empenho e cuidadosamente guardava para illustrar os pontos mais obscuros da archeologia.

Escolhêra a egreja de S. Sisenando, proxima do paço episcopal, para deposito das lapidas, cippos, columnas e fragmentos que, por volumosos e pesados, se não accommodavam n'um gabinete. Em homenagem áquelle santo, natural de Beja; ao antigo nome d'esta cidade, cujas eram grande parte das reliquias; e em attenção ao collector, denominava-se a collecção *Museu Sisenando Cenaculo Pacense*. Eram mais de cento e vinte as lapidas que continha. Algumas, e não de certo as mais notaveis, desenhou e descreveu Murphy na sua *Viagem em Portugal*.

Contava D. Fr. Manuel do Cenaculo setenta e oito annos quando foi nomeado arcebispo de Evora. Não arrefecêra em tão avançada edade o ardor com que antecedentemente se entregára aos trabalhos litterarios. Logo depois de tomar posse do seu novo cargo, fundou a bibliotheca publica, e tomou as convenientes disposições para instituir vastos estudos ecclesias-

ticos e litterarios para instrucção da mocidade transtagana.

De Beja havia trazido, com a melhor parte dos livros que possuia, os objectos mais preciosos das suas collecções, deixando, porém, n'aquella cidade, por causa das difficuldades do transporte, quasi todas as pedras que estavam na egreja de S. Sisenando. Annexado o museu á bibliotheca, e tencionando ampliar o edificio, com pequena capacidade para as numerosas collecções, reservava talvez para então mandar vir as antiguidades que deixára em Beja. Os successos calamitosos dos annos que se seguiram não só obstaram a que pozesse em execução estes grandes planos, mas tambem fizeram logar ao roubo dos objectos de oiro e prata que se conservavam na bibliotheca. Do antigo museu de Beja, comprehendendo n'esta denominação tanto a collecção da egreja de S. Sisenando como as que enriqueciam a residencia episcopal, perdeu-se, pois, uma parte em 1808, ficou outra parte n'aquella cidade, e conservou-se o restante na bibliotheca. O que a invasão franceza não deixou fazer ao diligente e benemerito collector (referimo-nos á ampliação do edificio e ao transporte das lapidas) tel-o-hia feito de certo algum dos nossos governos, se de alguma vez se attendesse a necessidade dos melhoramentos moraes e a influencia das artes na civilisação.

O resultado de tamanha incuria foi perderem-se tambem quasi todas as pedras que haviam ficado em Beja, e que não seriam menos de cem, pois apenas vieram para Evora umas doze, pouco mais ou menos. De tantas reliquias que o illustrado Cenaculo ajuntou com grande diligencia, trabalho e despeza; de tantos monumentos que serviriam para elucidar muitos pontos da historia anterior e posterior á fundação da monarchia, conservam-se em Beja sómente *dez* pedras, que talvez dentro em pouco desappareceräo, como as outras, embebidas nas paredes de algum curral ou transformadas em degraus de algum palheiro!

Ha vinte e seis annos, pouco mais ou menos, tendo de se destinar a egreja de S. Sisenando para eschola normal, foram as lapidas, ainda em grande quantidade, trasladadas para a egreja incompleta dos jesuitas. D'ahi, por falta de resguardo, as tem tirado pouco e pouco, deixando apenas as mais pesadas [1].

Felizmente, porém, D. Fr. Manuel do Cenaculo, que em muitas coisas se avantajou á presente geração, previu, segundo parece, o desleixo e a ignorancia que haviam de anniquilar a sua obra, e perpetuou no papel o que na pedra não póde resistir áquelles elementos destruidores. Mandou desenhar com fidelidade cento e vinte e duas lapidas do museu, e juntar a estes desenhos as medidas exactas das dimensões de cada objecto, e a indicação dos logares em que muitos foram encontrados. Conserva-se na bibliotheca de Evora esta curiosa collecção, que, juntamente com as peças restantes do museu, nos habilita para começar hoje no *Archivo* a publicação das gravuras e noticias das antiguidades mais curiosas.

Damos o primeiro logar a um fragmento de uma lampada romana que se guarda n'aquelle estabelecimento, e foi achado no seculo XVIII na Troia, junto de Setubal. Este fragmento de barro vermelho, muito similhante ao de Estremoz, prova-nos o grau de perfeição a que na ceramica, bem como n'outras artes, haviam chegado os romanos na peninsula. A uva agigantada que duas figuras humanas sustentam nos hombros era o emblema do culto de Baccho.

A. FILIPPE SIMÕES.

[1] S. Sisenando viveu no seculo IX da era christã. A historia d'este martyr, escripta por Eulogio, seu contemporaneo, foi reproduzida por Morales e divulgada por mestre Manuel Feo, prior da egreja do Salvador de Beja. Por diligencia d'este sacerdote se instituiu em 1598 n'aquella cidade a confraria de S. Sisenando.

Em 1652 se lançou a primeira pedra da egreja que para este santo se edificou em a rua Cega, na propria casa em que era tradição ter residido. No mesmo seculo XVII foram estabelecer-se em Beja os jesuitas, a quem a irmandade fez doação da sua egreja e fazenda. E no anno de 1693 a rainha Maria Sophia lhes consignou a pensão annual de dois mil cruzados para os applicarem nas obras do novo collegio. Expulsa, porém, do reino a ordem de Jesus em 1759, não se acabaram as obras nem do collegio nem da egreja, onde hoje se conservam, ou, antes, se perdem as ultimas lapidas do museu Sisenando.

O WALI DE SANTAREM

(Vid. pag. 54)

IV

O FESTIM

Tinham passado alguns dias depois do sarau dos paços de Coimbra, e ainda nenhuma cidade tomada, nenhum castello incendiado assignalára o cumprimento das promessas de Affonso Henriques. Santarem, a formosa, continuava a reclinar-se indolentemente na sua collina á beira do Tejo, e os atalayas immoveis nos adarves dos castellos, não vendo scintillar no horisonte para o lado da serra de Albardos o ferro das lanças christãs, encostavam-se descuidosos á muralha, e ficavam-se a contemplar as aguas palreiras do rio que lá em baixo deslisava.

O wali Abu-Zakaria, confiado na fortaleza dos seus muros e na fama do seu nome, conservava a cimitarra na curva bainha, e entregava-se ás voluptuosas diversões, reminiscencias da sumptuosa corte dos emires de Kordova, que elle tanto folgava de recordar. Vendo o civilisado imperio do Andaluz dilacerado de uma banda pelos rudes christãos, da outra pelos barbaros africanos, o wali de Santarem conservava-se no seu isolamento e considerava-se como o ultimo arabe. Um só dos walis das tres provincias de Belatha, Al-Kasar e Al-Faghar, que constituiam o Al-Gharb, já tão cerceado pela espada de Affonso Henriques, um só d'esses walis partilhava as suas idéas e lhe merecia confiança: era o wali de Lisboa, ou Medina Alisbona, como os arabes diziam. Ambos collocados nas fronteiras septentrionaes do imperio musulmano, ambos protegidos contra os christãos pelas fortes muralhas dos seus castellos, contra os seus correligionarios pela ampla barreira do Tejo, tinham formado entre si como que uma tacita alliança, e tinham jurado fazer sempre tremular nas suas fortalezas a bandeira immaculada do crescente.

Laços mais fortes estavam n'essa occasião para ligar os dois chefes. O filho do wali de Lisboa, Ahmed-Ibn-Abdallah, seduzido pela fama da belleza de Zuleyma, a filha de Abu-Zakaria, quizera desposal-a, e Abu-Zakaria acceitára com jubilo a proposta; assim, Zuleyma estava n'essa occasião em vesperas de ir ser a rainha do harem de Ahmed.

O joven filho do wali de Lisboa está n'essa occasião em Santarem, e o wali d'esta cidade, em honra d'elle, reune em torno da mesa do banquete o seu wasir, os seus khatibes, e os seus cadis e al-kaides. É ao cair da noite que o banquete começa, contra o costume arabe, que marcava para o jantar a hora do meio-dia; mas o wali e o seu hospede haviam partido n'essa manhã para a caça, e, arrastados pelo enthusiasmo da diversão fragueira, só tinham voltado ao declinar da tarde.

Na sala do festim estão já agrupados os khatibes e os cadis, cuja physionomia revela a fome que os anceia. Pouco dados, pelos seus pacificos misteres de secretarios e juizes, ao divertimento montesino da caça, tinham ficado na cidade, e tinham visto correr as horas sem que o jantar apparecesse; por isso todos os labios se desfranziram n'um sorriso de jubilo quando o velho Abu-Zakaria e o seu joven e elegante hospede appareceram á porta do aposento.

Logo todos, como bons musulmanos, trataram de se ir purificar nas fontes de ablução dispostas ao longo

das paredes da sala, e, depois de se perfumarem com agua de essencia de rosas, dirigiram-se para a mesa. Esta, de precioso ebano ricamente marchetado, elevava-se apenas alguns palmos acima do chão alcatifado e juncado de flores; mas em torno coxins de seda, collocados a alguma distancia uns dos outros, esperavam os convivas, que se sentaram cruzando as pernas á moda oriental.

Como o crepusculo ia cada vez declinando mais, e a noite já projectava as suas vastas sombras na sala do banquete, vieram escravos suspender do tecto innumeras lampadas de oiro, cuja luz intensa alegrou de subito a ampla quadra, e, repellindo para os cantos do aposento as trevas não, mas a penumbra vaga, deu um vivido realce ao panorama brilhante que apresentava a mesa rodeada dos convidados, todos vestidos com os esplendidos trajos moiriscos, e cingindo cimitarras e punhaes ornados de pedras preciosas, que scintillavam como outras tantas estrellas em volta da mesa oblonga.

Começou o jantar, servido com toda a sumptuosidade e toda a elegancia da velha gastronomia arabe. Além das succulentas viandas, e dos saborosos peixes do rio e do Oceano, que vinham para satisfazer a fome dos convivas, dos variegados pasteis que lhes acariciavam o paladar voluptuario, outros pratos appareceram que deviam servir mais para prazer dos olhos do que para regalo do estomago. Entravam n'esta conta os passaros de plumagem brilhante, servidos, taes como se estivessem vivos, em pratos de oiro e prata. Os vasos de arroz cozido em leite, que os arabes misturavam com todos os manjares, circulavam, por mãos de escravos, em torno da mesa, e, apesar do Koran, os vinhos não faltavam. É verdade que os arabes, com uma subtileza digna de theologos christãos, para se conformarem com o preceito de Mahomet, que prohibe o vinho tinto, a que chamam *ghamar*, só bebiam *sahbá*, quer dizer, vinho branco.

N'uns a fadiga da caça, n'outros a fadiga da espera, tinham despertado bastante o appetite para que não se pensasse em conversação antes da sobremesa. Chegou ella em fim: frutas do novo anno em cestas de prata lavrada, doces magnificos em vasos sumptuosos; juntamente com a sobremesa vieram graciosas amphoras cheias de mais preciosos vinhos, e taças tambem mais ricas. Era a occasião dos brindes; Abu-Zakaria fez uma saude ao invencivel wali de Lisboa, Abdallah-Ibn-Mondhir-Ibn-Said-Ibn-Alhasan-Ibn-Muhamad, e a seu filho, o heroico Ahmed-Ibn-Abdallah, cuja espada era já o terror dos christãos.

Os convivas acompanharam o brinde erguendo-se, e logo depois fizeram razão ao seu nobre hospede, que propoz uma saude ao wali de Santarem e a sua filha Zuleyma, a perola do Tejo, a rosa orvalhada das campinas de Belatha, a radiante estrella do Al-Gharb.

Depois das saudes, a conversação, até alli languida, animou-se, ao passo que de um aposento proximo vozes suavissimas de escravas christãs, combinando-se com as melodias dos instrumentos moiriscos, vieram deleitar os ouvidos dos convidados.

O assumpto da palestra foi primeiro um collar precioso de oiro, perolas e diamantes que Ahmed-Ibn-Abdallah tencionava offerecer a Zuleyma. O collar circulou á roda da mesa; todos elogiaram ou a riqueza do presente, ou a galanteria do presenteador. Quando chegou, porém, ás mãos do wasir de Santarem, velho guerreiro encanecido nas luctas desastrosas com os christãos, que tinham assignalado o recente periodo do dominio arabe na peninsula, o wasir meneou a cabeça com desdem, e não pôde deixar de dizer que uma joia tão rica melhor estaria no thesouro de Alisbona, onde seria recurso precioso nas circunstancias apuradas em que talvez não tardariam a ver-se.

Ahmed-Ibn-Abdallah escutou-o com um sorriso, e redarguiu depois:

— Nobre wasir, essas pedras que te deslumbram tem mais valia pela raridade do que pelo proprio esplendor; como podem ellas comparar-se com a perola humana que o mesmo Deus creou, e a quem deu vida e animação? Estas joias só nos encantam os olhos; Zuleyma encanta os olhos e os ouvidos, delicia o espirito e o coração; é dever meu, se possuo diamantes e perolas, enrolal-os como grinalda de gentis escravos em torno do pescoço alabastrino d'aquella maravilha do occidente.

Todos applaudiram os engenhosos conceitos do joven Ahmed, e Abu-Zakaria disse, evidentemente lisonjeado:

— Ahmed, os teus olhos na peleja tem o scintillar do relampago, e os teus labios no banquete exhalam o perfume das rosas da poesia. Ibn-Xamri, continuou voltando-se para o seu poeta predilecto, não merecem estes pensamentos ser engastados como perolas no collar de oiro dos teus versos?

Ibn-Xamri inclinou-se sorrindo, e chamou um escravo, que lhe trouxe o alaúde. Abrindo o melodioso instrumento com uma chavinha de oiro, descantou os seguintes versos:

Junta ao collar maior brilho
quem excede em resplendor
a lua e o sol confundindo
seu brando e ardente fulgor.
Creou-te um sôpro do Eterno;
vences, formosa sem par,
os diamantes e as per'las
da terra e do vasto mar!

Os applausos soaram em torno da mesa, e Ahmed, inclinando-se com cortezia, accrescentou:

— O incenso tem só fragrancia quando, caíndo no fogo que arde em cassoletas de prata, se transforma em aromatico fumo; assim o fogo do teu espirito deu perfume aos meus pensamentos. Não para que haja entre nós certame poetico, porque já te cedo a palma, porém para que seja mais digna de ti a minha resposta, proferindo-a na tua lingua harmoniosa, concede-me, doce emir dos reinos da phantasia, que eu profane por um momento o teu divino alaúde.

Abdallah-Ibn-Xamri apressou-se a passar ao filho do wali de Lisboa o seu instrumento de oiro, e Ahmed, reclinando um pouco para traz a fronte coroada de negros cabellos apertados por uma pequena faxa de seda verde ornada com a meia lua, e scintillando-lhe nos olhos negros e realmente formosos o fogo da inspiração, descantou com voz melodiosa, ao som do alaúde, a seguinte poesia:

Illumina os pensamentos
o teu verso deslumbrante,
bem como as sombras da noite
dissipa a aurora radiante.
Insinua-se em noss'alma
sua harmonia tão pura;
bem como a graça e beldade
da formosa creatura,
que os olhos nos arrebata
e enfeitiça o coração.
Meu coração e meus olhos,
se meus todavia são
desde que vi a Zuleyma,
quizera-os ir engastar
entre as perolas e o oiro
do seu formoso collar.

De novo brotaram os applausos unanimes e sinceros. A noite ia já alta, e os convivas, deliciados

com aquelles recreios do espirito, que sempre tanto deleitaram a raça arabe, nem pensavam em retirar-se. Os perfumes que enchiam o aposento faziam suavissima a atmosphera; nos copos scintillavam os topazios dos vinhos generosos; nas corbelhas de prata, ainda em cima da mesa, as laranjas de Tanger e os limões doces de Fez encantavam tambem o olfacto com a fragrancia que exhalavam da casca aromatica. Abu-Zakaria, todo entregue a essas doces voluptuosidades do espirito e dos sentidos, julgava-se transportado a Medina Azzahrat, a residencia predilecta de Abd-er-Rahman III, o grande homem da dynastia dos Ommyadas, e pensava assistir a esses sumptuosos banquetes, em que o proprio kalifa, seu filho El-Hakem e os grandes poetas da corte kordoveza encantavam os convivas com as melodias dos seus versos conceituosos. Só o wasir, guerreiro costumado apenas ás algaras das fronteiras, parecia estar inquieto e preoccupado. Ouvira fallar vagamente em movimentos christãos, e na noite antecedente houvera um eclipse da lua, o que lhe fizera presentir grandes desgraças, como a bom e supersticioso musulmano que elle era.

— No tempo do emir Abdallah, exclamava entretanto o wali de Santarem Abu-Zakaria, houve um cavalleiro, por nome Sadi-Ibn-Suleyman-Ibn-Gudi, de quem se disse que reuniu em si as dez prendas requeridas para homens de linhagem esclarecida — bondade, valentia, cavallaria, gentileza, poesia, bem fallar, força, destreza na lança, na espada e no atirar do arco. De ti, Ahmed-Ibn-Abdallah, podêmos dizer o mesmo, porque és realmente a perola da cavallaria do Al-Gharb. Ah! se me fosse dado ver ainda erguido o solio dos kalifas de Kordova, desejaria tambem verte sentado n'elle, porque és em tudo um verdadeiro filho dos Meruan; como elles, és heroico nas pugnas, prudente nos conselhos, e na tua phantasia accesa desabrocham, como no solo ardente da Syria, as flores mais perfumadas.

— Senhor, dizia-lhe ao ouvido o prudente wasir, os forenicos trouxeram novas de que se dizia para as bandas da fronteira que havia movimento de cavalleiros em torno de Coimbra. Bom seria que ao romper d'alva podessem os nossos almogavares ir bater o campo.

— Deixa-os, Muhamad-Ibn-Musa, deixa-os, redarguiu Abu-Zakaria em voz alta, deixa-os virem saltear-nos as terras, que terão de largar, segundo o nosso velho proverbio, a preza pela volta. Se aquelles falcões mansos se atrevem a vir procurar a aguia no seu ninho, sentirão as garras da ave-rainha.

As reminiscencias da corte kordoveza, e talvez tambem os fumos do *sahbá* e de outros vinhos mais generosos, tinham exaltado até á loucura o orgulho de Abu-Zakaria. Affonso Henriques já era para elle apenas um falcão domesticado!

O wasir meneou a cabeça como quem se não dava por convencido. Abu-Zakaria continuou, voltando-se para o seu poeta:

— A noite vae alta, a lua já afogou no horisonte o seu disco rutilante, e não tardará que apenas brilhe no ceo a estrella d'alva precursora da luz. Ibn-Xamri, antes que nos separemos, transporta-nos aos tempos felizes da dynastia ommyada, cantando-nos alguns dos versos do grande kalifa Abd-er-Rahman Annasir.

Sem motivo algum, começava a reinar uma certa tristeza na assembléa. As conversações tinham esmorecido, e uma tal ou qual somnolencia pesava sobre os convivas. Ibn-Xamri, comtudo, afinou o alaúde, e procurou na memoria alguns dos versos do celebre kalifa. Por fatalidade, logo lhe lembraram os mais tristes que elle compoz, e que são os que principiam:

Como suspirar não ha de?

O cantor cedeu á tristeza de que estava impregnada a poesia, e foi com lagrimas na voz que entoou os ultimos versos:

O matiz das minhas rosas
dissipou-se com martyrios;
receio que o vento iroso
venha murchar os meus lyrios.

Meus claros dias passaram;
chega a noite tenebrosa,
que nunca será rendida
pela aurora radiosa [1].»

Quando terminou, uma corda do alaúde partiu-se, soltando uma vibração dolorosa que fez estremecer os convivas.

As luzes mesmo parecia esmorecerem e derramarem sobre a mesa um clarão mais frouxo, que projectava no chão sombras vagas e phantasticas.

Subito um grito longinquo, agudo, vibrante, resoou nos ares e veiu expirar nos ouvidos dos nobres moiros, ha pouco tão festivos, agora silenciosos e tristes.

Instinctivamente levantaram-se todos, e pozeram o ouvido á escuta. Os mais denodados estavam pallidos, e mãos heroicas houve que tremeram poisando-se no punho das cimitarras.

Um outro grito, mas agora abafado e doloroso, veiu de novo expirar como um tenue murmurio nos ouvidos dos hospedes do wali.

— O que é isto? perguntou Abu-Zakaria dando um passo para a porta.

Mas no mesmo instante a porta abriu-se, e um escravo appareceu, pallido e convulso, soltando logo do limiar o terrivel grito:

— Os nazarenos!

(Continúa) M. Pinheiro Chagas.

Oh! quanta verdade é que a figura d'este mundo sempre está passando, e nós com ella... Olha em especial para os povoados, porque o mundo são os homens. Tudo está fervendo em movimentos que acabam e começam: uns a sair dos ventres das mães, outros a entrar no ventre das sepulturas; aquelles cantam, d'alli a pouco choram; est'outros choram, d'alli a pouco cantam; aqui se está enfeitando um vivo, parede meia estão amortalhando um defuncto; aqui contratam, acolá distratam; aqui conversam, acolá brigam; aqui estão á mesa rindo e fartando-se, acolá estão no leito gemendo o que riram e sangrando-se do que comeram. D'aquella porta para dentro ouvem a palavra de Deus, d'ella para fóra apupam os que passam e dão-lhe vaia. Lá vae um no seu coche com os pés sobre téla e veludo, atraz das rodas vae um pobre nú e descalço. E que turba-multa é aquella que vae cobrindo os campos de armas e carruagens? É um exercito que vae a uma de duas coisas: ou morrer ou matar. E sobre quê? Sobre que dois palmos de terra são de cá e não são de lá. E que arvores são aquellas que vão voando pelas ondas com azas de panno? São navios que vão buscar muito longe coisas que piquem a lingua para comer mais, coisas que afaguem a pelle, coisas que alegrem os olhos, isto é, especies, sedas, oiro, etc.

Olhae o tráfego! tudo ferve, tudo se muda por instantes. Se divertires os olhos, d'alli a nada tudo achareis virado. O rico já é pobre, o mecanico já é fidalgo, o moço já é velho, o são já é enfermo, e o homem já é cinzas. Já são outras cidades, outras ruas, outra linguagem, outros trajos, outras leis, outros homens... Tudo passa!

[1] Esta ultima quadra vem no magnifico (mas infelizmente incompleto) romance do sr. A. de Oliveira Marreca, o *Conde soberano de Castella*. Aproveitei-a, porque não podia traduzil-a mais fielmente do que está. A outra quadra e todas as outras poesias arabes que figuram n'este romancinho são vertidas da traducção hespanhola de D. José Antonio Conde na sua *Historia de la dominacion de los arabes*.